

TEATRO

A MULHER DO MARIDO

Antônio Roberto Gerin

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. 764.203

Personagens

Cândida *(Mulher)*

Cornélio *(Marido)*

ATO I

CÂNDIDA *(Entra. Ao celular. Aguardando ser atendida.) - Atende, imbecil! Atende! Eu estou esperando. (Pausa.) Dou-lhe uma... Dou-lhe duas... Dou-lhe cinco! Dou-lhe uma porrada quando você chegar em casa!*

CORNÉLIO Alô!

CÂNDIDA Por que você não atende quando eu ligo?

CORNÉLIO Eu atendi, amorzinho.

CÂNDIDA Atendeu porque você sabia que eu ia ficar puta da vida.

CORNÉLIO Mas agora que eu atendi, não há mais razão pra brigar.

CÂNDIDA E se você não tivesse atendido?

CORNÉLIO Mas eu atendi, amorzinho, não está ouvindo a minha voz não?

CÂNDIDA Você demorou pra atender.

CORNÉLIO Eu estava procurando a chave do carro!

CÂNDIDA Não levante a voz pra falar comigo.

CORNÉLIO O que é que você quer, Cândida?

CÂNDIDA Compre uma garrafa de vinho.

CORNÉLIO Pra quê?

CÂNDIDA Pra tomar, seu imbecil.

CORNÉLIO Só se você pedir com educação.

CÂNDIDA Eu estou pedindo com educação.

CORNÉLIO Eu quero ouvir a palavrinha mágica.

CÂNDIDA Vai tomar no cu.

CORNÉLIO Não é esta a palavra mágica.

CÂNDIDA Por que é que eu tenho que te pedir por favor quando eu te mando fazer alguma coisa? Você é meu marido.

CORNÉLIO Que vinho eu compro?

CÂNDIDA Não quero vinho barato.

CORNÉLIO O que é que nós vamos comemorar?

CÂNDIDA A separação do Alberto com a cretina da Verônica.

CORNÉLIO Eles se separaram!

CÂNDIDA Hoje de manhã. Depois do último e definitivo quebra pau.

CORNÉLIO Caralho, então agora a coisa ficou preta.

CÂNDIDA O que é que você falou, Cornélio?

CORNÉLIO Não! É que eu estou surpreso...!

- CÂNDIDA *(Pega uma banana e começa a descascá-la.)* - Cornélio, você é cego? Já deviam ter-se separado há muito tempo.
- CORNÉLIO Pra mim eles eram um casal feliz.
- CÂNDIDA O que é um casal feliz pra você?
- CORNÉLIO É o casal que anda abraçadinho.
- CÂNDIDA Você está de brincadeira.
- CORNÉLIO De vez em quando eles se abraçavam.
- CÂNDIDA Como é que você sabe?
- CORNÉLIO Eu via.
- CÂNDIDA Onde?
- CORNÉLIO Não sei... Não me lembro!
- CÂNDIDA É o mesmo Cornélio de sempre. Diz que matou a cobra, mas não consegue mostrar o pau.
- CORNÉLIO O que é que você está comendo?
- CÂNDIDA Não te interessa, imbecil.
- CORNÉLIO Pra que essa festança toda?
- CÂNDIDA Que festança, Cornélio?
- CORNÉLIO Você me pediu pra comprar uma garrafa de vinho caro.
- CÂNDIDA Ah, sim! Pedi. Eu quero comemorar a *(Com cinismo.)* cagada da Verônica. Faz dois anos que eu estou esperando por este momento.
- CORNÉLIO Mas faz só dois anos que eles se casaram.
- CÂNDIDA Pelo menos boa memória você tem.
- CORNÉLIO Vinte e seis de junho.

- CÂNDIDA A vagabunda da Verônica jamais podia ter-se casado com o vagabundo do Alberto.
- CORNÉLIO Se os dois são vagabundos, por que é que não podem viver juntos?
- CÂNDIDA Por que homem vagabundo, Cornélio, é homem interessante, homem másculo, homem que faz as pernas da mulher tremerem quando o vagabundo olha pra ela. Homem vagabundo é homem que já mandou a mãe tomar no cu faz tempo!
- CORNÉLIO Você está querendo dizer o quê? Que eu não sou homem de verdade?
- CÂNDIDA Não, você não é.
- CORNÉLIO O que é que eu sou então?
- CÂNDIDA É pra mim que você vem perguntar?
- CORNÉLIO Você é minha mulher e deve ter um conceito a meu respeito.
- CÂNDIDA Prefiro me calar.
- CORNÉLIO Eu tenho conceitos formados a seu respeito.
- CÂNDIDA Não faço questão de ouvir.
- CORNÉLIO Você é a mulher mais maravilhosa do mundo.
- CÂNDIDA Pra que esse charminho agora, Cornélio? Até parece que você andou aprontando alguma coisa. Melhor calar a boca e trazer logo o vinho. Duas garrafas!
- CORNÉLIO Duas?!
- CÂNDIDA Quero ficar bêbada em cima do túmulo da Verônica.
- CORNÉLIO (*Assustado.*) - Ela morreu!?
- CÂNDIDA Não, imbecil!

- CORNÉLIO Então, por que o túmulo?
- CÂNDIDA A Verônica tinha que ter morrido no primeiro instante em que ela botou aqueles malditos olhos de jararaca em cima do Alberto.
- CORNÉLIO E ela não podia ter botado aqueles lindos olhos azuis em cima do Alberto?
- CÂNDIDA Lindos? Que intimidade é essa, Cornélio?
- CORNÉLIO Os olhos da Verônica não são azuis?
- CÂNDIDA E o que isso te interessa?
- CORNÉLIO Nenhum interesse à vista.
- CÂNDIDA E por que essa voz adocicada?
- CORNÉLIO (*Esquiva-se.*) - Eu nem conheço a Verônica direito.
- CÂNDIDA Como não conhece! A Verônica e o Alberto freqüentam a nossa casa. São íntimos. Nós freqüentamos a casa deles. E você não conhece a Verônica. Cuidado como você fala daquela vagabunda!
- CORNÉLIO Quem está querendo encher a cara de vinho é você, não eu.
- CÂNDIDA Eu tenho as minhas razões.
- CORNÉLIO Bastante nobres, acredito.
- CÂNDIDA O corno já está falando como catedrático.
- CORNÉLIO Me respeita!
- CÂNDIDA Respeito a gente vende, não compra.
- CORNÉLIO Então está na hora de você começar a vender.
- CÂNDIDA Você não tem dinheiro pra comprar.
- CORNÉLIO Não tenho porque o dinheiro que me cabe eu vou gastar

com os seus vinhos!

- CÂNDIDA Duas garrafas! Por que hoje a minha felicidade vai ser em dose dupla.
- CORNÉLIO O que foi que a Verônica fez de tão errado? Vocês sempre foram grandes amigas.
- CÂNDIDA Grandes amigas, Cornélio!
- CORNÉLIO Não são?
- CÂNDIDA Desde quando? Você está fazendo muita pergunta. Só compra os vinhos.
- CORNÉLIO Eu estou entrando no carro, depois a gente se fala.
- CÂNDIDA E por que é que você tem que entrar no carro agora?
- CORNÉLIO Por que eu acabei de sair da casa da mamãe e estou indo ao supermercado comprar duas garrafas de vinho pra minha mulher pular em cima do túmulo da Verônica, que devia ter morrido, mas acabou vivendo, indevidamente!
- CÂNDIDA Você falou tudo isso dentro ou fora do carro?
- CORNÉLIO Eu já liguei o carro, Cândida. Depois a gente conversa.
- CÂNDIDA Por que é que você não pode falar dentro do carro? Tem alguma vagabunda aí?
- CORNÉLIO Nem vagabunda, nem vagabundo.
- CÂNDIDA Vagabundo eu sei que não tem.
- CORNÉLIO Obrigado pela parte que me cabe.
- CÂNDIDA Compre um queijo também.
- CORNÉLIO Mas aí já vai começar a ficar caro!
- CÂNDIDA Além de imbecil, é pão-duro!
- CORNÉLIO Eu vou desligar o telefone.

CÂNDIDA Você não dirige com a língua.

CORNÉLIO Não se dirige falando ao celular.

CÂNDIDA Eu quero queijo parmesão.

CORNÉLIO Mas é muito caro!

CÂNDIDA Parmesão. Eu mereço.

CORNÉLIO Provolone.

CÂNDIDA Parmesão!

CORNÉLIO Vou pensar.

CÂNDIDA Quem pensa aqui nesta casa sou eu.

CORNÉLIO Tudo bem, eu não vou pensar.

CÂNDIDA Dois vinhos portugueses e um parmesão uruguaio.

CORNÉLIO Porra, caralho, fodeu! Foi embora o meu dinheiro.

CÂNDIDA Você trabalha pra quê?

CORNÉLIO Pra sustentar uma mulher maravilhosa.

CÂNDIDA Isso já é obrigação sua. Pra que mais você trabalha?

CORNÉLIO Pra comprar queijo parmesão uruguaio pra ela.

CÂNDIDA E duzentos gramas de presunto espanhol.

CORNÉLIO Meu dinheiro não é merda!

CÂNDIDA Não é merda, imbecil, porque seu cu fedido não tem competência pra cagar dinheiro.

CORNÉLIO Só mesmo te amando.

CÂNDIDA E você sabe que eu, às vezes, te odeio.

CORNÉLIO Por isso somos felizes.

CÂNDIDA Eu pelo menos sou.

CORNÉLIO Mas esta é a finalidade do nosso casamento.

CÂNDIDA Sem galanteios, Cornélio.

CORNÉLIO Eu não vou comprar presunto espanhol.

CÂNDIDA Você não entra em casa.

CORNÉLIO Porra, Cândida, sua amiga não merece presunto espanhol!

CÂNDIDA Ela não é minha amiga.

CORNÉLIO Até ontem era.

CÂNDIDA Nunca foi.

CORNÉLIO Eu não sabia disso.

CÂNDIDA Agora está sabendo.

CORNÉLIO Se ela não é sua amiga, por que o presunto espanhol?

CÂNDIDA Por que a Verônica merece! Só eu sei o quanto ela me fez sofrer. Amarguei esses anos todos esperando por esse dia! A Verônica teve o que merecia. Se eu pudesse, eu furaria aqueles malditos olhos azuis!

CORNÉLIO O problema são os olhos azuis.

CÂNDIDA Não, imbecil!

CORNÉLIO Você disse que quer furar.

CÂNDIDA Mais uma insinuação de burrice e eu furo esses seus olhos de azeitonas pretas.

CORNÉLIO Vamos parar aqui com essa conversa porque ela já está começando a ficar azeda. Quando eu chegar no supermercado, eu ligo pra você.

CÂNDIDA Eu te ligo daqui dez minutos.

CORNÉLIO Eu vou levar pelo menos vinte minutos pra chegar lá.

CÂNDIDA Eu ligo pra saber se você chegou.

CORNÉLIO Espera eu te ligar.

CÂNDIDA E se você não ligar?

CORNÉLIO Eu vou ligar.

CÂNDIDA Não vai me mandar um beijo?

CORNÉLIO Beijos!

CÂNDIDA Me liga daqui dez minutos.

CORNÉLIO Meia hora.

CÂNDIDA Você não me mandou beijos.

CORNÉLIO Acabei de mandar.

CÂNDIDA Eu não ouvi.

CORNÉLIO Beijooo!

CÂNDIDA Calma, espera aí, não desliga. Eu ainda não te contei o motivo do quebra pau. Você acredita que a Verônica... *(Cornélio desliga o telefone e joga-o no banco do passageiro. Cândida percebe que ele desligou.)* Alô! Cornélio... Alô, alô, Cornélio! Filho da puta. *(Cândida põe-se em seguida a digitar. Aguarda ser atendida. Telefone de Cornélio toca.)* Atende esse telefone, imbecil! *(Pausa.)* Não vai atender. Dou-lhe uma... Dou-lhe duas... Dou-lhe três...

CORNÉLIO Alô!

CÂNDIDA Você desligou o telefone na minha cara.

CORNÉLIO Eu?!

CÂNDIDA Tem mais algum imbecil aí?

- CORNÉLIO Não combinamos que eu ligaria assim que eu chegasse no supermercado?
- CÂNDIDA Não muda de assunto.
- CORNÉLIO Eu não desliguei o telefone na sua cara.
- CÂNDIDA Quer saber mais do que eu?
- CORNÉLIO Eu te mandei o beijo.
- CÂNDIDA E daí? O que é que você quer que eu faça com a merda do seu beijo?
- CORNÉLIO Quando a gente manda um beijo é como se a gente avisasse, olha!, eu vou desligar!
- CÂNDIDA Então é pra isso que você me manda beijo?
- CORNÉLIO Eu te mando beijo porque eu te amo.
- CÂNDIDA O que prova que você desligou o telefone na minha cara.
- CORNÉLIO O beijo também é uma despedida.
- CÂNDIDA Você está se enrolando todo e não está explicando nada.
- CORNÉLIO Está bem, se é assim que você quer, eu bati o telefone na sua cara.
- CÂNDIDA *(Em tom de ordem.)* - Peça desculpas.
- CORNÉLIO Pra quê? Não há motivo, eu não fiz nada.
- CÂNDIDA Peça desculpas pra mim, agora, seu grosseirão de uma merda!
- CORNÉLIO Porra, mas pra que desculpa?
- CÂNDIDA Eu estou mandando.
- CORNÉLIO *(Pausa.)* - Desculpa. Não fiz por mal.
- CÂNDIDA Por mim, você já tinha que ter ido tomar no cu faz tempo!

Olha como você me trata. Seu ingrato! E não sei onde é que eu estava com a cabeça quando eu fui me casar com você.

- CORNÉLIO Não se fala mais nisso. Eu compro vinho português e não vou reclamar. Tudo bem?
- CÂNDIDA E o parmesão uruguaio.
- CORNÉLIO E o parmesão uruguaio.
- CÂNDIDA E o presunto espanhol.
- CORNÉLIO Mas é muito caro!
- CÂNDIDA Você bateu o telefone na minha cara.
- CORNÉLIO Está bem. Eu compro o presunto espanhol.
- CÂNDIDA Meio quilo.
- CORNÉLIO O quê?! Você está doida!
- CÂNDIDA Retira o que você disse.
- CORNÉLIO Presunto espanhol é muito caro.
- CÂNDIDA Você me chamou de doida.
- CORNÉLIO Forma de expressão, Cândida!
- CÂNDIDA Vai tomar no cu com suas formas de expressão. Eu quero comer presunto espanhol.
- CORNÉLIO Você sabe quanto custa meio quilo de presunto espanhol?
- CÂNDIDA O Alberto quebrou o braço da Verônica e isso merece meio quilo de presunto espanhol.
- CORNÉLIO O cretino fez isso?
- CÂNDIDA E três costelas.
- CORNÉLIO Onde é que esse cara estava com a cabeça?

- CÂNDIDA Ele quebrou foi pouco. Tinha que ter quebrado mais.
- CORNÉLIO Você está onde?
- CÂNDIDA Em casa.
- CORNÉLIO A Verônica está aí?
- CÂNDIDA Ela está no hospital, imbecil.
- CORNÉLIO Meu deus, coitada... Como é que foi acontecer isso com ela...?
- CÂNDIDA Vem cá! Você está com pena da Verônica?
- CORNÉLIO Olha a situação dela, Cândida!...
- CÂNDIDA *(Altera-se.)* - Eu quero que ela se exploda! Eu quero que aquela vagabunda morra sozinha, que no inferno ela tenha por amiga só a sogra do capeta! E quem sabe, você. Porque assim ela vai saber o que é viver com um bosta de um homem imbecil!
- CORNÉLIO Você está alterada.
- CÂNDIDA Você quer que eu fique como? Depois de ver o meu marido ter pena daquela vagabunda?
- CORNÉLIO *(Pausa.)* - Como é que você soube disso tudo?
- CÂNDIDA A Matilde me contou.
- CORNÉLIO E desde quando você conversa com a Matilde?
- CÂNDIDA Não posso? Só porque ela é empregada doméstica?
- CORNÉLIO Aquela mulher é fofqueira.
- CÂNDIDA Você acha que o Alberto não é capaz de quebrar três costelas da Verônica?
- CORNÉLIO Eu nunca imaginei que você tivesse tanta raiva da sua melhor amiga.

- CÂNDIDA Melhor amiga o caralho! Se ela fosse minha amiga, ela não teria roubado o meu namorado.
- CORNÉLIO Que namorado?
- CÂNDIDA Que namorado, imbecil? O Alberto, lógico!
- CORNÉLIO O Alberto foi seu namorado?
- CÂNDIDA Vai me dizer que você não sabia.
- CORNÉLIO Estou sabendo agora.
- CÂNDIDA Você acha que você foi o meu único namorado?
- CORNÉLIO Não se trata disso. É que você nunca me falou nada.
- CÂNDIDA Por que é que eu tinha que falar?
- CORNÉLIO Eles frequentaram a nossa casa esses anos todos.
- CÂNDIDA Baixou aí a dor de corno.
- CORNÉLIO Você ficou esse tempo todo alimentando essa raiva da Verônica?
- CÂNDIDA Algum problema?
- CORNÉLIO Você sempre tratou a Verônica tão bem.
- CÂNDIDA O (*Enfatiza.*) Alberto.
- CORNÉLIO Quando você insistia pra eles dormirem aí em casa, pra não irem embora bêbados, você fazia isto querendo o quê?
- CÂNDIDA O que você acha?
- CORNÉLIO Era nele que você pensava quando ia dormir comigo?
- CÂNDIDA Eu tinha certeza que um dia a vagabunda ia dar as caras.
- CORNÉLIO Você não respondeu a minha pergunta.

- CÂNDIDA Sua pergunta não merece resposta. *(Pausa.)* O Alberto me amava, eu tinha certeza que ele me amava. Até eu apresentar a Verônica pra ele. Idiota que eu fui. Até parece que eu não conhecia a jararaca! Lógico que ela ia dar em cima do meu homem. Mas esse fingimento um dia tinha que acabar. Hoje a merda foi pro ventilador! O Alberto descobriu que a Verônica tem um amante.
- CORNÉLIO Amante!
- CÂNDIDA E eu que não tinha pensado nisso antes. É óbvio que a vagabunda se casou com o Alberto só pra tirar ele de mim.
- CORNÉLIO Estranho... Eu acho a Verônica uma mulher tão séria.
- CÂNDIDA Eu adoro essa sua ingenuidade de bebê de dois aninhos! É melhor você pedir pra sua mamãe te ensinar quanto vale uma boceta.
- CORNÉLIO Como é que o Alberto descobriu?
- CÂNDIDA Colocou um detetive.
- CORNÉLIO *(Assusta-se.)* - Detetive!
- CÂNDIDA Que foi, Cornélio, alguma cobra te mordeu?
- CORNÉLIO É que eu estou achando tudo muito exagerado.
- CÂNDIDA Cornélio, você está me surpreendendo. Até está parecendo que o corno é você! Não se preocupe. Está tudo fotografado e filmado. Vai me dizer que você não está curioso. *(Silêncio.)* Cornélio, você está aí? Engoliu a língua?
- CORNÉLIO Você disse fotografado?
- CÂNDIDA Quem é que vai desmentir fotografia? A Verônica teve que contar tudo. A sem-vergonhice vem desde o começo do casamento. Dois anos de traição! Na caladinha da noite! Eu tenho que reconhecer. A Verônica é uma vagabunda competente.

- CORNÉLIO E o amante? Já sabem quem é?
- CÂNDIDA Fazia tudo o que ela queria, o idiota. Frequentavam um motel na Afonso Pena, daí dá pra você imaginar o quanto a vagabunda custava pro vagabundo. Mas amante é amante, sempre um bicho besta! Se é rico, ele é o capricho da vagabunda. Só rolava vinho português. E queijo parmesão uruguaio. Até nisso ela me imita! Se eu gosto de parmesão uruguaio, a vagabunda gosta de parmesão uruguaio. Se eu gosto de sorvete Haagen Dazs, a vagabunda gosta de sorvete Haagen Dazs...
- CORNÉLIO Mas, e o amante, quem é? A Matilde não falou nada não?
- CÂNDIDA Não quis me dizer, a fofqueira. Só me disse que é o marido da melhor amiga da patroa. A Verônica continua a mesma. Detonando as amigas. Já sei! A Raquel! O amante é o marido da Raquel. Elas são assim as duas! A Raquel tem um marido bonito! E é rico! *(Pausa.)* Até orquídeas brancas ele comprava pra vagabunda da Verônica.
- CORNÉLIO Como é que você sabe?
- CÂNDIDA As fotos! A Matilde disse que viu tudo. Pelo menos bom gosto o vagabundo do marido da Raquel tem.
- CORNÉLIO Você também está cobiçando o marido da Raquel?
- CÂNDIDA Você queria que eu cobiçasse quem? *(Com desdém)* Você? Se enxerga, macaco! Eu gosto é de homem!
- CORNÉLIO Eu sou o amante da Verônica!
- CÂNDIDA Está maluco!
- CORNÉLIO Pergunta pra Matilde.
- CÂNDIDA Será que eu estou entendendo o que eu estou entendendo? Você está achando que o amante da Verônica é você?
- CORNÉLIO Cadê as fotografias?

- CÂNDIDA Cornélio, você chega a ser asqueroso.
- CORNÉLIO Eu posso provar.
- CÂNDIDA Não perca o seu tempo.
- CORNÉLIO Liga pro Alberto.
- CÂNDIDA Mais essa eu tenho que ouvir. Você, amante da Verônica. Você acha que a Verônica, com aquela beleza toda, aquele corpão, aqueles olhos azuis, ia dar mole pra você? Um bosta? Você está se achando quem? O príncipe das Astúrias? É muito mais fácil eu dar pro Alberto do que você, com toda a sua babaquice, comer a boceta da Verônica.
- CORNÉLIO Mas a Verônica faz amor comigo!
- CÂNDIDA Cornélio, você já chegou no supermercado?
- CORNÉLIO Já está na hora de você parar com essa palhaçada!
- CÂNDIDA O que deu em você agora? Está querendo virar homem? Você já chegou no supermercado?
- CORNÉLIO Estou no estacionamento.
- CÂNDIDA Eu quero um vinho português, um vinho italiano, queijo parmesão uruguaio e presunto espanhol. E, pistache!
- CORNÉLIO Porra, pistache é o olho da cara!
- CÂNDIDA E eu quero sorvete Haagen Dazs...
- CORNÉLIO Você está pensando que eu sou rico?
- CÂNDIDA Você acha que eu ia me casar com um pobretão?
- CORNÉLIO Eu não vou comprar porra nenhuma! Vai se foder!
(Desliga o telefone na cara de Cândida e sai.)
- CÂNDIDA Não é que o cretino teve a coragem de desligar o telefone na minha cara? Ainda diz que me ama. *(Pausa.)* Eu vou

esperar cinco minutos. É o tempo que o imbecil precisa pra se acalmar. (*Inquieta, põe-se a caminhar. Com desdém.*) Amante da Verônica... Só me faltava essa. Eu tenho um marido lunático. (*Silêncio. Senta-se, logo se levanta.*) Já dei tempo demais. (*Ligando.*) Quer ver como ele vai me atender? Ele não resiste. O bosta não resiste a mim! (*Espera.*) Dou-lhe uma, dou-lhe duas... Dou-lhe três... Dou-lhe dez... Dou-lhe onze...

CORNÉLIO (*Entra. Traz nos braços duas garrafas de vinho que acabara de pegar da prateleira. Atende.*) - Alô. (*Blackout.*)

FIM

Brasília/DF, 26 de outubro de 2016.